

TRANSMIGRANTES ESTUDANTIS E AS “REDES DE CAMARADAGEM” COMO ESTRATÉGIA NA MOBILIDADE DE MOÇAMBICANOS NO BRASIL

Ana Ariane Araújo de Lavor
Doutora em Ambiente e Desenvolvimento pela UNIVATES
E-mail: annaariane@hotmail.com

RESUMO

O Brasil é reconhecidamente um país multicultural, historicamente formado por imigrantes de diversas origens. Muitos chegam em busca de experiências estudantis. Uma das formas de enfrentar os desafios impostos pela mobilidade é a formação de grupos entre os estudantes. Diante da expressiva presença de africanos em mobilidade estudantil na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), busca-se avaliar como as redes de apoio afetam a experiência de mobilidade estudantil de um grupo de estudantes moçambicanos. A pesquisa é qualitativa e seu caráter é descritivo. O estudo baseia-se nas pesquisas bibliográfica e de campo, estando apoiada em entrevistas. Como resultado evidenciou-se que a associação estudantil oferece apoio, acolhimento, ajuda na inserção social e no enfrentamento de preconceitos.

Palavras-chave: mobilidade; moçambicanos; associativismo; integração

1. INTRODUÇÃO

A mobilidade estudantil envolve projetos individuais e coletivos (comunidade, família, instituições) complexos, que se configura, na prática, por meio de elementos transnacionais, entre eles as redes sociais, que conectam os imigrantes com sua nação de origem e, ao mesmo tempo, com seu país de residência.

Desde os anos 2000, o Brasil já selecionou mais de 9.000 alunos pelo Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G). O PEC-G foi criado para amparar os estudantes internacionais, bem como para regulamentar de forma unificada o intercâmbio estudantil (DCE, 2019). O continente que mais envia estudantes para o Brasil é a África, com 76% dos discentes (DCE, 2019).

Atualmente, a procura pela região nordeste tem aumentado, após a criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), em 2010, com a lei nº 12.289/2010. A instituição, em seus quatro campi (três no Ceará e um na Bahia), concentra 3.894 alunos matriculados na Graduação presencial, sendo 829 de países Africanos (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe) e 69 da Ásia (Timor-Leste). Dos alunos africanos, 45 são moçambicanos (UNILAB, 2020). Os alunos internacionais de graduação recebidos pela UNILAB, no entanto, não vêm por meio do convênio PEC-G, mas sim por meio de um convênio próprio (UNILAB, 2020).

O Brasil é reconhecidamente um país multicultural, historicamente formado por

imigrantes de diversas origens, o que lhe dá uma dinamicidade cultural singular. No entanto, cada um tem sua experiência de imigração, já que inúmeros fatores podem influenciar nas trajetórias e vivências de cada estudante, assim como diversas são as ferramentas utilizadas para enfrentar os desafios impostos pela mobilidade, dentre eles, podemos destacar a formação de grupos entre os estudantes. Assim, diante da expressiva presença de africanos em mobilidade estudantil na Unilab e da constatação da criação de laços de sociabilidade, busca-se avaliar como as redes de apoio afetam a experiência de mobilidade estudantil de um grupo de estudantes moçambicanos da Unilab.

2. METODOLOGIA

A pesquisa é qualitativa, focada no aprofundamento da compreensão de um grupo social, e seu caráter é descritivo, já que caracteriza o fenômeno que busca investigar por meio da pesquisa de campo, apoiada em análises decorrentes da pesquisa bibliográfica (GOLDENBERG, 2011; GIL, 2008).

Para a pesquisa de campo recorreu-se às entrevistas semiestruturadas, que, para sua realização, teve autorização e suporte da UNILAB e das entidades de representação estudantil Diretório Central Estudantil da UNILAB (DCE-UNILAB), assim como da Associação dos Estudantes Moçambicanos na UNILAB (AEMOZ). Após autorização da UNILAB, foi realizado contato com as entidades estudantis que divulgaram a pesquisa para todos os interessados. Foram entrevistados todos os alunos que manifestaram interesse em participar, totalizando 19 alunos moçambicanos em mobilidade na Instituição. Devido às restrições de isolamento social causadas pelo Covid-19, as entrevistas foram feitas por meio de vídeo-chamada na plataforma do GoogleMeet. Todas as entrevistas ocorreram nos meses de maio e junho de 2020.

Os 19 entrevistados estudam em dois campi da UNILAB (Ceará e Bahia), sendo três de gênero feminino e 16 de gênero masculino, com média de 24,15 anos de idade. Todos os entrevistados se classificaram como negros(as). Entre esses entrevistados havia desde alunos do primeiro semestre, com apenas três meses no Brasil, até alunos que acabaram de concluir o curso, estando há seis anos no país, aguardando apenas os trâmites para a colação de grau.

As entrevistas semiestruturadas possibilitaram os meios necessários para investigar as vivências dos estudantes moçambicanos. Após a coleta dos dados, os relatos foram transcritos em planilha e organizados em categorias e analisados, buscando-se extrair as principais ideias apresentadas, de modo a alcançar o objetivo da pesquisa por

meio da compreensão dos significados, usando a análise textual. De acordo com Moraes (2007, p. 87), a análise textual de uma pesquisa qualitativa é um “processo de desconstrução, seguida de reconstrução, de um conjunto de materiais linguísticos e discursivos, produzindo-se, a partir disso, novos entendimentos sobre fenômenos e discursos investigados”.

3. INTEGRAÇÃO, SOLIDARIEDADE E ASSOCIATIVISMO ENTRE OS IMIGRANTES

A crescente presença de estudantes africanos no Brasil foi denominada por Langa (2015) de “diáspora africana”, uma referência ao deslocamento de comunidades negras e afrodescendentes, que acabam produzindo identidades moldadas a partir de influências dos diversos lugares. Para o autor, o Brasil representa uma facilidade de inserção devido à língua comum. Subuhana (2008) e Fonseca (2015) também destacam o idioma como determinante, por possibilitar uma estratégia facilitada de inserção na sociedade.

Mas esta não é a única atratividade do país, que também é escolhido pelo nível de desenvolvimento econômico e tecnológico e pela produção acadêmica. De acordo com Subuhana (2007), os altos custos das universidades moçambicanas ou das instituições de ensino europeia ou dos Estados Unidos também colocam o Brasil como uma possibilidade atraente para estes estudantes. Langa (2014) ressalta, ainda, que os convênios e acordos de cooperação entre os países colocam o Brasil como uma possibilidade natural de mobilidade (LANGA, 2014, p. 106).

Sair do país de origem para aventurar-se em outros territórios em busca de algum tipo de conhecimento pode fazer com que os imigrantes sintam-se angustiados e busquem aproximarem-se, o que determina um sentimento de solidariedade e associativismo gerados pela origem e situação em comum. De acordo com Escuredo (2016, p. 180) muitas vezes, “as identidades culturais, étnicas, sociais e nacionais do imigrante tornam-se mais autênticas e reforçadas, do que no país de origem”. Segundo a autora, isto ocorre porque o imigrante se depara com a necessidade de construir uma realidade familiar em um universo simbólico e é neste contexto que começam a ser construídas redes migratórias, a partir de uma ideia de identidade nacional.

A globalização, de acordo com Agier (2001, p. 21), que agiliza o transporte e a comunicação, também confronta as tradicionais “fronteiras territoriais locais e a relação entre lugares e identidades”. Contudo, para o autor, por outro lado, esta mesma ágil troca de informações causa dissociações entre lugares e culturas. O autor acredita que o conseqüente sentimento de perda de identidade acaba sendo compensado pela busca de

novos contextos e retóricas identitárias.

Zamberlam et al. (2009) destaca que é característica dos seres humanos o estabelecimento e a manutenção de raízes ligadas à família, à comunidade e à cultura. O autor destaca que o estudante, ao migrar na busca por novos conhecimentos, insere-se em um contexto histórico que afeta seu crescimento pessoal, portanto, este processo de integração não pode ser descuidado: é necessária a abertura de espaços para um desenvolvimento adequado na universidade e na sociedade em que o estudante está inserido. Uma das formas de alcançar isto é através da participação em organizações voltadas para este recém chegado.

Joseph (2018) observa uma multiplicação de associações criadas pelos próprios migrantes, as quais contribuem para “a manifestação e a preservação de elementos identitários culturais, linguísticos e religiosos dos migrantes nos países de residência” (JOSEPH, 2018, p. 10). Petrus e Francalino (2010, p. 214) também salientam que as associações de imigrantes desempenham um relevante papel “tanto na transmissão de informação e no apoio aos que chegam, passam ou partem, quanto na reivindicação coletiva dos direitos dos imigrantes e conquistas dos mesmos”.

O movimento migratório africano tem estimulado o associativismo por dois motivos principais: como estratégia de sobrevivência e para afirmação dos valores culturais da África. Um dos primeiros projetos não-governamentais de integração surgiu em Fortaleza — CE e é denominado movimento “Chamado África” (DIÁRIO DO NORDESTE, 2014), contudo, além destas, muitas outras entidades surgiram:

A diáspora tem gerado grupos e movimentos, a congregar estudantes africanos em um processo de mobilização e organização em diversas agremiações estudantis, cabendo destacar: a Associação de Estudantes Africanos no Estado do Ceará (AEAC), a Associação de Estudantes da Guiné-Bissau no Estado do Ceará (AEGBECE), a Fundação de Estudantes Cabo-verdianos nas Faculdades do Nordeste (FEAF) e o Movimento Pastoral de Estudantes Africanos (MPEA). Este último movimento, hoje, revela-se com maior articulação e visibilidade, destacando-se em ações de promoção e defesa dos direitos dos estudantes africanos e denunciando as situações por que passam esses sujeitos, por meio de reuniões entre estudantes e faculdades, encaminhamento de processos na justiça e realização de manifestações públicas (LANGA, 2014, p. 105).

A exemplo destes grupos, os estudantes moçambicanos da UNILAB também possuem sua entidade representativa, a Associação dos Estudantes Moçambicanos na UNILAB —AEMOZ/UNILAB.

Além dos agrupamentos estudantis, outra forma de integração que merece destaque é através da participação em instituições religiosas. Para o imigrante as igrejas são redes sociais de troca de experiências e de solidariedade, usadas muitas vezes como espaços terapêuticos, que ajudam a lidar com as situações adversas enfrentadas no

processo de mobilidade (MEJÍA e CAZAROTTO, 2017).

Para Silva (2017), o associativismo formado entre os estudantes em trânsito pode ser muito importante, não somente para o aluno africano, mas também para o brasileiro, ao possibilitar a integração solidária e a partilha de saberes entre as partes. Escuredo (2016) destaca que as redes sociais de imigrantes ajudam na composição identitária de seus membros, assim como possibilita uma interação que envolve tanto as sociedades de origem como as de destino, o que dá a estas redes uma perspectiva transnacional e intercultural, que contribui para uma melhor socialização e, ainda, com a recriação das identidades nacional e cultural. A autora ressalta que esta é uma oportunidade de proporcionar uma experiência enriquecedora de protagonismo e empoderamento, em especial para as mulheres.

Rodrigues (2014) tem acompanhado várias iniciativas recentes entre os imigrantes africanos que procuram se agremiar em associações por perceberem a necessidade de, em conjunto, buscarem novas perspectivas de vida, enfrentando a invisibilidade e ocupando lugares, além de poderem discutir sobre seus direitos.

Para Ramos e Ramos (2014, p. 4), o transnacionalismo no associativismo migrante envolve um intercâmbio cultural, acadêmico, desportivo e econômico, contribuindo na formação de “laços sociais e elementos mediadores de produção e reprodução de identidades, valores, pertencas e capital social”. As autoras afirmam que as redes sociais de imigrantes possuem um papel importante na sua integração na sociedade e, por isso, exige maior reconhecimento por parte dos investigadores e dos poderes públicos.

A união dos imigrantes que se identificam uns com os outros, e que se organizam para se defender contra o racismo e outras dificuldades geradas pela sua condição de imigrante, contribui para a construção de identidades políticas coletivas e na conquista de direitos (HUERTA, 2016). Neste sentido, Martinez e Dutra (2018) expõem a relevância da construção de uma identidade coletiva em torno da diáspora africana, que fosse enfatizada a construção de uma luta contra o racismo no Brasil, pois poderia ajudar a melhorar o diálogo entre o movimento negro brasileiro e o coletivo de imigrantes africanos.

Para Mejía e Cazarotto (2019), a interação social dos imigrantes no lugar de chegada é um componente relevante na análise das práticas transnacionais, visto que auxiliam na reestruturação das cidades a que estão transnacionalmente conectados. Os fluxos atuais dos transmigrantes “suscitam a produção de novos arranjos sociais,

econômicos e culturais numa perspectiva dinâmica entre o local e o global, interligando sujeitos, culturas e sociedades, que outrora estavam distanciados por rupturas geográficas e/ou históricas” (PEREIRA E SANTOS, 2018, p. 02). Assim, as ações possibilitadas pela interação social e pelo associativismo local podem contribuir em uma melhor experiência migrante. Para Petrus e Francalino (2010, p. 217) as associações e demais grupos de imigrantes contribuem tanto para a construção da identidade coletiva quanto para a experiência de pertencimento a um grupo, além disso buscam integrar a “sua cultura pátria com a sociedade de destino, ou seja, fogem do que podemos chamar de um essencialismo etnocultural”.

Estes e outros formatos de agrupamentos estudantis transnacionais se enquadram no que a sociologia definiu como “tribos urbanas”. Esta ideia foi concebida pelo autor francês Michel Maffesoli, em suas pesquisas dos anos 1980. Maffesoli (2006) explica que as tribos urbanas são novas configurações sociais formadas nas interações pós-modernas, por meio de uma rede de afinidades, baseada nas individualidades dos sujeitos, que irão se aproximar devido a interesses em comum, elementos culturais, laços de redes e vizinhança, para expressar valores e estilos de vida. Assim, devido à sexualidade, relações de amizade, preferências filosóficas ou religiosas, dentre outros formam-se “redes de influência, a camaradagem e outras formas de ajuda mútua, das quais se tratou, que constituem o tecido social” (MAFFESOLI, 2006, p. 14). Ou seja, o tecido social se forma por meio de laços de reciprocidade entre indivíduos com determinadas características em comum.

O tribalismo tem como característica principal a “fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e pela dispersão”, o que faz com que a ambiência estética seja de sucessivas sedimentações culturais, frágeis, mas com forte envolvimento emocional (MAFFESOLI, 2006, p. 107). Para o autor existe uma solidariedade não-aleatória (eletiva) que sela alianças por meio de uma dimensão afetiva da vida diária, onde a valorização do grupo se torna uma forma de desconstrução do individualismo que marca as sociedades contemporâneas (MAFFESOLI, 2006). Estes grupos não têm em comum a luta por causas políticas. O que se tece nas suas interações são eventos e preocupações do cotidiano. Não se trata de um engajamento político racional, e sim de indignação emocional. “Não é mais uma grande causa, a ‘sociedade perfeita do amanhã que vamos construir pela política’ [...] Aqui a indignação é emocional. E o emocional vai ser forte, pontual e processado rapidamente até outro pretexto surgir” (MAFFESOLI, 2013, online). Maffesoli (2006) e Magnani (2010) citam como exemplos de tribos urbanas, entre outros, os jovens negros.

Para Magnani, as relações desses grupos podem se dar por meio de dois eixos: relações de aproximação ou de evitação. As relações de aproximação se dão por afinidade de estilo de vida e/ou classe social, e também por afinidade de interesse específico; por afinidade de estilo de vida e/ou classe social, mas com diferenças de interesse específico; por afinidade de interesse específico, mas com diferenças de estilo de vida e/ ou classe social. Já as relações de evitação podem ocorrer sem enfrentamento ou com enfrentamento (MAGNANI, 2010).

Para Pais (2004), os indivíduos que compõem uma tribo urbana se distanciam de padrões sociais, o que não se refere a uma busca para se isolar dos grupos diferentes, mas para ir ao encontro de grupos que possuem interesses e ideais semelhantes. Nesse sentido, o autor defende que as tribos causam a sensação de pertencimento e garantia de afirmação identitária, pois nelas encontram apoio para resistir à adversidade e criar vínculos de sociabilidade e integração social.

Magnani (1992) critica o uso do termo “tribos urbanas” como categoria ou conceito de grupo, porém acredita que, observando as devidas limitações e particularidades, pode ser usado como metáfora para representar tais agrupamentos (destaque-se que Maffesoli também propõe o termo como metáfora). Magnani explica ainda que as tribos, normalmente, são constituídas pelos: laços de sociabilidade, por meio de ritos de passagem, presença de códigos de diferenciação, formas de uso e apropriação do espaço urbano, modalidades preferidas de entretenimento e lazer, dentre outros. Para o autor (2010), estes grupos são pequenos e voláteis, bem como se formam como contraste à homogeneidade e individualismo da sociedade pós-moderna. Além disso, para a formação das tribos urbanas, são levados em consideração o indivíduo, suas especificidades e espaço ocupado.

A idéia era levar em conta tanto os atores sociais com suas especificidades (determinações estruturais, símbolos, sinais de pertencimento, escolhas, valores etc.), quanto o espaço com o qual interagem – mas não na qualidade de mero cenário, e sim como produto da prática social acumulada desses agentes, e também como fator de determinação de suas práticas, constituindo, assim, a garantia (visível, pública) de sua inserção no espaço (MAGNANI, 2010, p. 17)

As tribos são uma maneira de “se expor, estabelecer laços, marcar diferenças, fazer escolhas, colocar-se, enfim, na paisagem urbana diante dos outros e em relação a eles” (MAGNANI, 2010, p.37). O aprendizado gerado por essa prática vai além do interior dos próprios grupos e espaços, gerando uma experiência globalizada e multicultural (MAGNANI, 2010).

Assim as tribos se apresentam como redes de indivíduos com interesses comuns

que, no cenário migratório, contribuem para o estudante internacional se adaptar em seu novo ambiente. Em textos e entrevistas mais recentes, Maffesoli aproxima a leitura das tribos urbanas a um sentido de religação, adotando o termo “religiosidade juvenil”, para definir esse fenômeno.

Nesses três séculos e meio, o tripé da vida social é a emergência do individualismo, a prevalência do racionalismo e a ideia de progressismo. As novas gerações não creem mais nesse tripé e privilegiam a comunidade, o que em outra época chamei "tribo"; não mais o racional, mas o emocional; não mais o progressismo, mas o presente. Para mim isso é a religiosidade juvenil. Eles não se reconhecem mais no materialismo econômico que se encontra tanto no que resta dos marxismos quanto entre os liberais. Por outro lado, há, mais e mais, o apelo do qualitativo da existência, o fazer da vida uma obra de arte, dito à moda de Nietzsche. O fato de que não será mais o trabalho o valor essencial; de que coisas muito simples, os compartilhamentos, as novas formas de solidariedade, elementos de generosidade - elementos que são religiosos (MAFFESOLI, 2019, online).

Nessa óptica, a religiosidade não apresenta um sinônimo de pertencimento a determinada igreja/religião/seita, mas assume a etimologia da palavra religião (religare), referindo-se ao ato de estar junto e partilhar emoções (MAFFESOLI, 2017). Para o autor, a estrutura do ‘viver juntos’ compreende uma relação com os mitos, as fantasias e o imaginário. “E a religião ocupa um lugar importante nesse imaginário” (MAFFESOLI, 2019, online).

São necessárias, portanto, ações coletivas, alianças e estratégias para construir um movimento social dos imigrantes em um contexto multinacional, pluricultural e transnacional. O conjunto destas associações “entre grupos de pessoas ligadas por laços ocupacionais, familiares, culturais ou afetivos” (PORTES, 1999, p. 12) no contexto migratório, constitui redes sociais estratégicas. Estas redes surgem de forma a reduzir as dificuldades encontradas nos processos migratórios, principalmente em âmbito internacional. Qual a relevância destes agrupamentos afetivos entre os moçambicanos em situação de mobilidade estudantil no Brasil?

4. RESULTADOS

De modo geral, os entrevistados entendem como relevante a existência de associações estudantis para garantir seus direitos e sentirem-se mais fortalecidos em território brasileiro. Os entrevistados mencionaram que todas as nacionalidades presentes na UNILAB possuem uma associação de representação estudantil.

O entrevistado 01 relata que a criação da associação de estudantes moçambicanos decorreu da necessidade de terem maior representatividade no campus e na cidade que residem. Dos 19 entrevistados, apenas quatro não participam da Associação dos Estudantes Moçambicanos na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia

Afro-Brasileira (AEMOZ-UNILAB). Dois dos entrevistados que não participam da AEMOZ (11 e 14) estão inseridos em outros projetos estudantis e grupos comunitários que lhes ajudaram a se integrar na sociedade. Já os outros dois (18 e 19), afirmam que não sentiram necessidade e tampouco interesse de se integrar a algum grupo.

Os demais entrevistados acreditam que participar de grupos, em especial da AEMOZ, ajuda-os a enfrentar possíveis dificuldades, bem como os deixa mais fortalecidos e com sensação de estarem fazendo parte de uma família que divide a mesma cultura e interesses.

Participar da AEMOZ atende à necessidade de “nortear determinados comportamentos que a gente deve ter, adotar no Brasil. É essa associação que vai reunir-nos e resolver certos problemas que a gente possui, certos problemas que talvez estejam muito além da universidade” (ENTREVISTADO 17). Este entrevistado busca apoio e “aconchego” em momentos de crise. Para ele, “é sempre bom estar perto de quem você considera mais família. Nós vamos considerar família aqueles que têm a mesma nacionalidade contigo e tal, então é uma associação que procura estabelecer esse laço e abraçar, criar esses programas de interação com cada um.”

Uma das atividades realizadas durante a pandemia foi a celebração *on-line* da independência de Moçambique. “Infelizmente será assim, por esse meio, né? Mas ela tem um papel fundamental no desenvolvimento de cada estudante, não só a associação dos estudantes moçambicanos, como todas as outras associações de todas as outras nacionalidades” (ENTREVISTADO 17).

Outro elemento relevante citado sobre este modo de organização social para os alunos é que a associação funciona como uma estratégia de enfrentamento ao isolamento. A maioria dos entrevistados moçambicanos afirmou que todas as nacionalidades africanas se unem e, por identificarem semelhanças culturais, não há uma divisão entre os países.

Existe amizade em todo canto, com toda nacionalidade. Desde o momento que a gente está na mesma turma, a gente é colega, família, é tudo. Então os convívios e as saídas, tudo isso às vezes é feito através das amizades que a gente faz dentro das salas, ou fora da UNILAB também. (ENTREVISTADO 19)

O entrevistado 11 passou muito tempo sendo o único moçambicano da UNILAB-Bahia relatou que, no início, se sentiu culturalmente isolado, então teve que se unir às demais nacionalidades. Esse depoimento aponta que o não reconhecimento do outro pode ser vivenciado pelos moçambicanos tanto na relação com os brasileiros quanto com os africanos.

Quando eu cheguei fomos pra pousada, onde já estavam lá outros estudantes de Guiné Bissau, Cabo Verde, uma são tomeense e um angolano. E aí eu cheguei lá, dividi o quarto com dois estudantes de Guiné-Bissau e eles foram minhas primeiras relações sociais com os africanos de outros países. E a partir daí eu, conversando com eles, dialogando, os primeiros estranhamentos, aquela coisa da língua. O primeiro susto, porque eu cheguei... Quase todo mundo pelos corredores, tinha 47, 44 estudantes naquela lista, eram de Guiné-Bissau, Cabo Verde... Cabo Verde 6, uma são tomeense, um angolano. Então eu tava numa ilha, eu costumo dizer que cheguei e me senti uma ilha, culturalmente falando, culturalmente e linguisticamente, né? Cada um tem seus dialetos e línguas, então eu não entendia nada. E eles só foram descobrir que eu não era guineense, nem cabo-verdiano depois de duas semanas que alguém me abordou. E aí eu falei tipo “como assim? Criolo? Eu não falo Criolo”. Aí ele disse “de onde você é?” “Eu sou lá de Moçambique”. “Ah, Moçambique, verdade”. E aí foi minhas primeiras experiências. (ENTREVISTADO 11)

Apesar de reconhecer que, às vezes, ocorre essa separação por grupos, o entrevistado 12 relata que quando se integram a solidão é reduzida. Já o entrevistado 14 percebeu que no início todos se uniam, mas, passado o primeiro semestre, houve uma divisão em grupos formados por laços de interesses e afinidades em comum.

No encontro é necessário um diálogo com aquele que chega como diferente para que se compreenda este outro, sua cultura e seus pontos de vista. Para isso é preciso “ir ao encontro da singularidade do outro”, para experienciar novas compreensões do outro e de si mesmo, por meio da linguagem (HERMANN, 2014, p. 478). Para a autora, “nessa experiência alojam-se as expectativas de uma abertura ética que mantenha a relação com a alteridade, supere o universalismo que assimila e nivela, para criarmos um mundo comum”. Trata-se antes de tudo do reconhecimento legítimo da diferença. Para Vêras (2017) o “direito à diferença” não deve ser algo excludente e sim uma forma de se almejar à universalidade das experiências sociológicas diversas das nossas. A autora reflete que, na imigração, a alteridade está presente “na análise transnacional do fenômeno, pois este representa novo campo analítico ao interpretar o fenômeno da migração como formado de múltiplas relações entre os imigrantes com seus locais de origem e de destino” (p. 50).

Este posicionamento vai ao encontro do que afirmam Basch, Schiller e Blanc (1994), assim como Feeldman-Bianco (2015), de que o transnacionalismo é um processo em que os imigrantes constroem redes sociais que conectam seu país de origem e seu país de residência, desenvolvendo e mantendo relacionamentos múltiplos - familiar, econômico, social, organizacional, religioso, político - que vão além das fronteiras geográficas. Ou seja, confirmando o que Solé, Parella e Cavalcanti (2008) explicam, os transmigrantes mantêm seus relacionamentos e ligações com suas sociedades de origem, mesmo enquanto criam vínculos em um novo lugar.

O associativismo na perspectiva da mobilidade estudantil representa a criação de grupos que ajudam na construção de laços de amizade e apoio, transformando-se em uma quase “segunda família” para os entrevistados. Esta rede de pessoas com objetivos e

elementos culturais semelhantes forma as “tribos urbanas” por religarem, de outro modo, estudantes distantes de seu país e também do continente de origem, daí experienciam esta religiosidade juvenil de que trata Maffesoli (MAFFESOLI, 2001 e 2006; MAGNANI, 2010; PAIS, 2004).

Diante da necessidade de adaptação dos estudantes moçambicanos a AEMOZ também revelou-se como importante para dar-lhes maior visibilidade e ampliar o espectro de sociabilidades. Para Ingold (2008, p. 35), a “visibilidade, sua identidade, de fato a sua própria existência como uma pessoa, é confirmada na visão dos outros”. Com o apoio da AEMOZ sentiram-se mais incluídos e representados.

Fernandes e Pereira (2018, p. 44) referem que determinantes psicossociológicos afetam a formação dos grupos e estes vão afetar os processos identitários vividos por cada um. Da mesma forma, características do contexto incidem nos modos de convívio, nas formas de cooperação e/ou de competição entre os grupos. O sentimento de pertencimento é gradativo e, no caso dos entrevistados, foi determinado pela necessidade de inserção social e de enfrentamento de situações de preconceito. Dos 19 entrevistados, 58% referiram que sentiram-se afetados por estas duas situações durante a mobilidade. Os entrevistados que enfrentaram preconceitos relataram que este se referiu mais ao lugar de origem (Moçambique/África) do que à cor, mesmo que para alguns tenha se dado pela junção dos dois fatores.

A necessidade de adaptação cria insegurança que, estando em grupo, é minimizada. Dos entrevistados, 37% mencionaram que foi necessário se adaptarem ao novo ambiente, costumes, pessoas e situações do cotidiano. Nestas situações, é relevante poder contar como uma associação que ajuda a “nortear determinados comportamentos” e a “resolver certos problemas”, como afirma o Entrevistado 17. Outro entrevistado também ressalta o cuidado com as palavras e os gestos e seus significados.

Tenho esse cuidado de, por exemplo, tem palavras aqui que se usa que eu não posso usar, essas coisas. [...] E alguns gestos também, tem uns gestos por aqui que são obscenos. Tem também o meu comportamento, o comportamento nosso, por exemplo, nós dificilmente, receber com a mão esquerda é um pouco... um pouco falta de respeito, né? Tu não podes receber nem entregar com o esquerdo, mas aqui não tem esse cuidado, lá já é hábito para mim, né. (ENTREVISTADO 15)

A associação assume um caráter não só cultural, como também político, quando os estudantes realizam reuniões e debates sobre a situação do seu país de origem e das mudanças das políticas do Brasil e da UNILAB, entre outras, como relata o Entrevistado 1. Diante das diferenças, demonstram não assumir um lugar subalterno.

Mas ressalto que vem coisas que a gente não tinha como hábito em Moçambique, mas aqui temos criado um hábito e respeito sobre o mesmo. Procuramos aceitar e respeitar, mas não nos colocamos dentro de algumas realidades que não batem com as nossas.

(ENTREVISTADO 01)

Joseph (2018), Petrus e Francalino (2010), Langa (2014), Silva (2017), Escuredo (2016) e Rodrigues (2014) também reafirmam o papel estratégico da participação de imigrantes em associações e redes sociais para a sobrevivência em países distantes dos de origem e para reafirmar seus valores.

A língua atraiu os estudantes moçambicanos para o Brasil, assim como os aspectos econômicos, tecnológicos e acadêmicos, avaliados como superiores em relação ao seu país de origem (SUBUHANA, 2008; FONSECA, 2015). Vieram em busca de conhecimento e, muitos deles, sonham voltar para Moçambique para contribuir com o desenvolvimento nacional.

Chegados ao país de destino para a mobilidade estudantil, os moçambicanos enfrentam inseguranças, preconceitos e a necessidade de inserção social, que se dá mais com a proximidade com outros africanos do que com brasileiros. Sentem a necessidade de construir uma realidade familiar (ESCUDERO, 2016), a qual é suprida por laços de amizade e pela participação em redes de apoio, como na AEMOZ. Por meio delas acessam um universo simbólico que, mesmo diverso, mantém relação com suas referências culturais e, portanto, com sua identidade.

Precisam abrir-se à nova cultura ao mesmo tempo que sentem necessidade de manter as raízes, como bem lembra Zamberlan et. al. (2009). E os agrupamentos e associações ajudam-lhes a cumprir este duplo papel (JOSEPH, 2018; PETRUS E FRANCALINO, 2010). Conforme Escudero (2016) é desse lugar entre que decorre a perspectiva transnacional e intercultural, recriadora da identidade e enriquecedora da experiência.

Assim, os transmigrantes estudantis acessam “redes de camaradagem” como denomina Maffesoli (2006). Ajustam-se no agir recíproco e por meio de novos envolvimentos emocionais cotidianos, que só podem ser experienciados em mobilidade estudantil. Maffesoli (2001, 2013, 2017, 2019) ressalta a dimensão emocional das tribos e das religiosidades juvenis, como em diferentes momentos de sua obra nomina os agrupamentos sociais pós-modernos.

Os estudantes moçambicanos, por meio de redes de sociabilidades, acessam a sensação de pertencimento que os ajuda a resistir às adversidades a lhes dá potência para se exporem socialmente. Não agem só.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As tribos de estudantes internacionais formam-se a partir de elos que aqui se cruzam, entrelaçando identidades formadas de semelhanças e diferenças, que dão apoio, geram inclusão, pertencimento e aconchego mesmo diante de um país diferente e com diversas situações de enfrentamentos a preconceitos. É claro que não é exclusivamente porque é do mesmo país que irão se gerar afinidades espontâneas, contudo, estes pontos em comum ajudam a criar laços fortalecidos pelos interesses compartilhados.

A associação é uma estratégia autônoma de enfrentamento ao isolamento, pois a integração vai muito além de iniciativas institucionais da UNILAB, embora também possam surgir por meio delas. Entretanto, as iniciativas só permanecem espontaneamente, por interesse dos envolvidos, sejam estas de integração entre moçambicanos, entre estudantes de países africanos e entre estes e brasileiros, pois todos ocupam o lugar de outro para cada um.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, M. Distúrbios Identitários em Tempos de Globalização. **Mana** vol. 7, nº 2, Rio de Janeiro, Outubro – 2001.

BASCH, L.; SCHILLER, G, N.; BLANC, C. S. (1994): **Nations Unbound: transnational Projects. Postcolonial Predicaments, and Deterritorialized Nation-States.** New York: Gordon and Breach.

DCE– Divisão de Temas Educacionais. **Histórico do Programa.** Disponível em <<http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico.php>>. Acesso em julho de 2020.

DIÁRIO DO NORDESTE. O Sonho Brasileiro. 2014. <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/o-sonho-brasileiro-1.1004503>.

ESCUREDO, C. O Protagonismo de Mulheres Imigrantes na Construção de Redes Sociais para o Fortalecimento Identitário: O Caso Das Brasileiras Em Chicago (EUA). **REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, Ano XXIV, n. 48, p. 179-196, set./dez. 2016.

FELDMAN-BIANCO, Bela. Desarrollos de la perspectiva transnacional: migración, ciudad y economía política. **Alteridades** [online]. 2015, vol.25, n.50.

FERNANDES, S. C. S; PEREIRA, M. E. Endogrupo versus Exogrupo: o papel da identidade social nas relações intergrupais. **Estudos e Pesquisas em psicologia**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 30-49, 2018.

FONSECA, D. J. De Migração em Migração se constroem Impérios, Reinos e Cidades: o africano no contexto da Globalização. In: MALOMALO, B., FONSECA, D. J, BADI, M. K. (Org). **Díaspóra Africana e Migração na era da Globalização: experiências de refúgio, estudo e trabalho.** - 1 ed – Curitiba, PR: Editora CRV, 2015.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisa: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências**
Boletim Gaúcho de Geografia v.48/nº 1

Sociais. Rio de Janeiro: Record, 2011.

HERMANN, Nadja. A questão do outro e o diálogo. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 57, p. 477-493, June 2014.

HUERTA, A. V. Luchas migrantes en contextos de tránsito migratorio, el caso del movimiento migrante centroamericano. REMHU - **REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**. Brasília, Ano XXIV, n. 48, p. 31-44, set./dez. 2016.

INGOLD, T. Pare, olhe, escute: visão, audição e movimento humano. Ponto Urbe, São Paulo, n. 3, 2008.

JOSEPH, H. Prólogo. In: **Migrações e Direitos Humanos: Problemática Socioambiental**. Margarita Rosa Gaviria Mejía (Org.) – Lajeado: Ed. da Univates, 2018.

LANGA, E. N. B. Diáspora africana no Ceará: Representações sobre as festas e as interações afetivosexuais de estudantes africano(a)s em Fortaleza. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**. Vol 2, 2014.

_____. Diáspora Africana no Ceará no Século XXI: Resignificações identitárias e as interseccionalidades de raça, gênero, sexualidade e classe no contexto da migração estudantil internacional. In: MALOMALO, B., FONSECA, D. J, BADI, M. K. (Org). **Diáspora Africana e Migração na era da Globalização: experiências de refúgio, estudo e trabalho**. - 1 ed – Curitiba, PR: Editora CRV, 2015.

MAFFESOLI, M. O imaginário é uma realidade (entrevista a Juremir Machado da Silva). **Revista Famecos**. Porto Alegre, n° 15, 2001.

_____. **O tempo das- Tribos: O Declínio do Individualismo nas Sociedades de Massa**. Forense Universitária. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. Sociólogo Michel Maffesoli fala da retomada de manifestações juvenis. Entrevista concedida ao Jornal Zero Hora. Porto Alegre – RS, 2013. Disponível em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2013/04/sociologo-michel-maffesoli-fala-da-retomada-de-manifestacoes-juvenis-4105060.html>> Acesso em fev de 2020.

_____. Sociologia, política e arcaísmo – Entrevista com Michel Maffesoli. Entrevista concedida a Iuri Furukita Baptista, Janaina Gamba, Karina Weber. Sessões do Imaginário. Ano 22, n. 38. Porto Alegre – RS, 2017.

_____. **Os que tem o poder continuam nos velhos caminhos modernos**. Entrevista concedida à Folha de São Paulo. São Paulo – SP, 2019. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/12/os-que-tem-o-poder-continuam-nos-velhos-caminhos-modernos.shtml>> . Acesso em fev de 2020.

MAGNANI, J. G. C. Tribos urbanas: metáfora ou categoria? **Cadernos de Campo** - Revista dos Alunos de Pós-Graduação em Antropologia da USP, São Paulo – SP, 1992.

_____. Os circuitos dos jovens urbanos. **Revista do Departamento de Sociologia da FLUP**, Vol. XX, 2010, pág. 13-38.

MARTÍNEZ, S.M.; DUTRA, D. Experiencias de Racismo desde la Inmigración Haitiana y Africana en Brasil. **REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v. 26, n. 53, ago. 2018, p. 99-113.

MEJÍA, M. R. G.; CAZAROTTO, R. T. O Papel das Mulheres Imigrantes na Família **Boletim Gaúcho de Geografia v.48/n° 1**

Transnacional que Mobiliza a Migração Haitiana no Brasil. **Repocs**, v.14, n.27, jan/jun. 2017.

_____. Análise da repercussão socioespacial da imigração haitiana numa pequena cidade do Rio Grande do Sul – Brasil. **Raega - O Espaço Geográfico em Análise**, [S.l.], v. 45, n. 1, p. 170-186, jan. 2019.

MORAES R. Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. In: Galiazzi MC, Vicente J, organizadores. **Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental**. Ijuí: Unijuí; 2007.

PAIS, J.M. Introdução. In: Tribos Urbanas: Produção Artística e Identidades. Org: PAIS, J.M., BLASS, L. M. da S. São Paulo, Annablume, 2004.

PEREIRA, G. M. S.; SANTOS, B. R. dos. Subjetividades em Trânsito: Identidade, Diáspora Africana e Cultura Imaterial. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 30, e175276, 2018 .

PETRUS, R; FRANCALINO, J. H. Refugiados congolezes no Rio de Janeiro: afirmação e (re)significação de identidades nas dinâmicas de inserção social. In: FERREIRA, A. P.; VAINER, C. B.; NETO, H. P.; SANTOS, M. O. (Orgs), **A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

PORTES, A. **Migrações internacionais: Origens, tipos e modos de incorporação**. Oeiras: Celta Editora, 1999.

RAMOS, M. DA C. P.; RAMOS, M.N.P. **Associativismo migrante, participação e inclusão social no espaço urbano**. GT - 029 – Mobilidades e cidades: da produção ao espaço público. Anais Eletrônicos do XXII Encontro Estadual de História da ANPUH-SP Santos, 2014.

RODRIGUES, E. F. V. **Imigrantes Africanos no Brasil Contemporâneo: Fluxo e refluxos da diáspora**. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2014.

SILVA, A. G. D da. Diáspora africana no Ceará: um estudo sobre a trajetória de estudantes africanos nas Universidades do Ceará. *Revista UNIFEV: Ciência & Tecnologia*, v. 3, 2017.

SOLÉ, C.; PARELLA, S.; CAVALCANTI, L. (Orgs.). **Nuevos retos del transnacionalismo en el estudio de las migraciones**. Barcelona: Grafo, 2008.

SUBUHANA, C. Estudantes moçambicanos no Rio de Janeiro, Brasil: sociabilidade e redes sociais. **Imaginario**, São Paulo , v. 13, n. 14, p. 321-355, jun. 2007 .

_____. O estudante convenio: a experiência sócio-cultural de universitários da África lusófona em São Paulo, Brasil. **Anais da 26ª reunião brasileira de antropologia**, 2008.

_____. **UNILAB em números**, 2020. Disponível em:

<<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiNTkzZjY2MwQtNjMzNS00MjkzLWI4YTA0OGJjY2NmNjdmNzI1IiwidCI6IjkwMjlkZGZGNILWFmMTItNDJiZS04MjM3LTU4MzEzZTRkYzVkMSJ9>>. Acesso em março de 2020.

Recebido: 22/09/2021

Aceito: 01/02/2022